CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ROBERTO GAVALDÓN, O OUTRO MEXICANO
1 e 2 de setembro de 2025

MIÉRCOLES DE CENIZA / 1958

Quarta Feira de Cinzas

Um filme de Roberto Gavaldón

Realização: Roberto Gavaldón / **Argumento**: Roberto Gavaldón e Júlio Alejandro, segundo a peça homónima de Luís G. Basurto / **Fotografia**: Agustin Martinez Solares / **Música**: António Diaz Conde / **Intérpretes**: Maria Félix, Arturo de Córdova, Victor Junco, Maria Teresa Rivas, Rodolfo Landa, Andrea Palma, Maria Rivas

Produção: Filmex / **Cópia**: CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 35mm, preto e branco, versão original legendada em português / **Duração**: 100 minutos / **Estreia em Portugal**: Odeon, 2 de Março de 1960

Nota: tratando-se de uma velha cópia do circuito comercial, ela apresenta-se riscada e com saltos em fins de bobina. Pelo facto, as nossas desculpas.

Para além do aviso anterior, há ainda uma nota suplementar a fazer em relação a este melodrama típico da carreira de Maria Félix, possivelmente a maior «diva» que o cinema mexicano conheceu e uma das três mais conhecidas internacionalmente, que foram Dolores del Rio, Maria Félix e Katy Jurado. **Miércoles de Ceniza** foi estreado entre nós em 1960, e sendo essa a cópia que vamos exibir, para além dos sinais da usura do tempo referidos no aviso há ainda o papel desempenhado pela censura. A sua acção é visível ao longo do filme na ausência de legendas em certas partes do diálogo, mais por questões religiosas do que políticas. O mesmo acontece com a sequência em pré-genérico, mas neste caso com um corte de cenas (de que só restam o plano do padre, com a legenda riscada, e a imprecação da personagem de Maria Félix) que a tornam bastante confusa. Só ao longo da narrativa vamos percebendo o conteúdo do corte, nos diálogos que explicam o ódio da personagem por tudo o que lhe cheire a padres, sacristia e beatice (o padre recusara o enterro em terreno santificado do pai dela, que se suicidara). Feito este esclarecimento necessário passemos então ao filme.

Se **French Cancan** foi o mais belo filme da carreira de Maria Félix, onde ela era uma fabulosa «Bela Lola», o que vamos ver está mais dentro do seu «estilo», do género que lhe deu uma imensa popularidade no México e nos países de língua latina (entre nós foi um ídolo das plateias no fim dos anos 40 e parte da década seguinte, sendo por cá exibida a maior parte dos seus filmes). No seu país, ela tornou-se *la Doña* para o público, um título que diz tudo, e não escutou os cantos da sereia de Hollywood. As únicas saídas profissionais que Maria Félix fez foram a Itália, onde foi uma sensualíssima **Messalina** no filme de Carmine Gallone (1951), e a França onde o filme de Jean Renoir é o opus central de uma trilogia completada com **La Belle Otero** de Richard Pottier e **Les Heros Sont Fatigués** de Yves Ciampi. Um rico casamento (ou um casamento rico) retirou-a dos ecrãs.

Maria Félix trabalhou com os três mais importantes realizadores mexicanos clássicos, cada um deles cunhando uma característica particular da sua *persona* cinematográfica. Fernando de Fuentes foi o primeiro a explorar a tremenda força erótica que ela apresentava que seduzia os homens mas também os amedrontava. **Doña Barbara** (que sugestivamente se chamou entre nós **D. Bárbara, a Dominadora de Homens**) foi o filme que a revelou, e De Fuentes continuou a explorar essa imagem em **La Mujer Sin Alma/A Mulher Sem Alma** e **La Devoradora/A Devoradora de Homens**. No mesmo ano (1946), Emílio Fernandez faz dela uma estrela com projecção internacional em **Enamorada/Enamorada**, que poucos anos depois Hollywood refez sob a direcção de Fernandez mas sem a sua actriz (que se recusava a falar inglês), sendo ela substituída por Paulette Goddard: **The Torch/O Triunfo do Rebelde**. A faceta que Fernandez desenvolve acentua o lado romântico da actriz, que continua a ser uma mulher enérgica, rebelde e dominadora, mas que acaba por se revelar apaixonada até ao sacrifício (**Rio Escondido**, **Maclovia/Beleza Maldita**). No ano seguinte ao triunfo de **Enamorada** (1947), é a vez de Roberto Gavaldón entrar em cena. E o filme que marca o encontro é uma das obras maiores dos dois, um soberbo melodrama que já vimos nesta sala no Ciclo de cinema mexicano: **La Diosa Arrodillada/A Deusa Ajoelhada**. Com este filme, a *persona* dramática de Maria Félix completa-se e enriquece-se com a faceta «sacrificial»: ela seduz, ela domina, mas agora ela «imola-se» também. Encontramos, na progressão desta imagem uma espécie de movimento que vai da sensualidade mais manifesta à espiritualidade, da exigência e domínio à renúncia, num processo de auto-conhecimento. Alguns filmes pelo meio, de outros realizadores, parecem «sintetizar» estas características (**La Monja Alferez/Entre a Cruz e a Espada** de Emílio Gomez Muriel, **El Monje Blanco/O Monge Branco** de Júlio Bracho).

Miércoles de Ceniza é bastante sugestivo da «imagem» de Maria Félix dirigida por Gavaldón (mesmo que não tenha a força de **La Diosa Arrodillada**, **La Escondida/A Escondida** ou **Flor de Mayo/Flor de Maio**). Gavaldón pode ser considerado como o mestre do melodrama mexicano. Fernandez explora uma vertente mais telúrica e histórica, enquanto os melodramas de Gavaldón são de carácter mais íntimo e psicológico. Mesmo quando trata do tema recorrente no cinema mexicano, a Revolução, a sua abordagem não é tão rica, na abordagem social, como a de «El Índio». Há uma carga mística nos que sobreleva a descrição luta de classes. **Miércoles de Ceniza** é, deste ponto de vista, bastante sugestivo. Se o pano de fundo é ainda o movimento revolucionário a ênfase coloca-se à volta da questão da fé e das perseguições religiosas que se desenrolaram no México na década de 20. Neste sentido, o filme é ainda um eco do romance de Graham Greene *O Poder e a Glória* e, em particular da adaptação feita por John Ford em 1947, **The Fugitive/O Fugitivo**. Falta-lhe apenas e expressão plástica deste filme fotografado pelo cúmplice habitual de Fernandez, Gabriel Figueroa. As imagens de **Miércoles de Ceniza** não são tão expressivas, mas compõem melhor a ambiência do melodrama. A referida sequência do pré-genérico tem as marcas do primeiro, com as bonitas imagens do rio e dos barcos e o encontro de Maria Félix com o amante, que parecem saídas de um filme de Fernandez (**Maria Candelária**, por exemplo), mas o resto foge ao estereótipo clássico, mesmo as cenas do ataque dos guerrilheiros católicos ao comboio para libertarem o seu general prisioneiro. E a figura do personagem de Arturo de Córdova (intérprete habitual de Gavaldón, mesmo na sua incursão hollyoowdesca de **Adventures of Casanova/Casanova o Patriota**) está perto da de Henry Fonda em **The Fugitive**. Quanto à personagem de Maria Félix, ela é eminentemente do campo do melodrama: mulher revoltada contra a Igreja (que recusara enterro sagrado ao pai), ela, que construíra uma fortuna com a exploração da prostituição, assume como um desafio a conquista do padre, «um homem como qualquer outro». Como em **La Diosa Arrodillada**, Gavaldón usa os interiores de forma magnífica para ilustrar o confronto. Em particular na mansão de Maria Félix com as suas salas e a escadaria que leva ao andar superior, onde jaz a moribunda, e na última tentativa de sedução.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico